

 ANEL DE VIDRO

---



 ANEL DE VIDRO

---

*2ª edição revista pela autora*

Ouro sobre Azul | Rio de Janeiro, 2014

ANA LUISA ESCOREL

**Os dias continuaram** no rosário doloroso daquele pedaço. Muito lentamente foi retocando a aflição, tirando de um lado, ajeitando de outro, se entretendo com as filhas, os parentes, livros, montanhas e exercícios, de tal forma que cerca de uma semana depois o sofrimento estava ali – vivo – mas o pó tinha acamado, não sufocava mais. E o sono voltara à cadência habitual graças a um remédio – mais um! – indicado para ocasiões daquele tipo. Então resolveu ocupar o tempo e a cabeça nos arredores. Dia sim, dia não, inventava um passeio, sozinha, ou com as meninas se estivessem dispostas e por perto. Boas companheiras entendiam a tristeza dela dando todas as demonstrações possíveis de afeto. Ajudava, mas não dissolvia a espessura da rejeição grudada feito gosma em cada minuto de todas as horas, em cada contato com quem quer que fosse, por mais que todos à volta, as duas, principalmente, se empenhassem em cercá-la de carinho.

Difícil região mais bonita. A topografia ondulada, irregular, desenhava ambientes fechados se interligando

ora por riachos, ora pequenos vales cobertos de vegetação cheirosa nem muito alta nem baixa demais, numa escala de verdes que ia dos acinzentados – claríssimos – aos quase pretos de tão escuros. As montanhas, mesmo tomadas de alto a baixo pela folhagem, vistas de longe ficavam azuis, varando a neblina insidiosa daqueles horizontes compartimentados, contornos eternamente difusos embaixo do véu branco. Em certos trechos quaresmeiras e ipês, carregados de roxo e amarelo, interferiam na extensão verde com harmoniosa dissonância. Ela não cansava de olhar. Às vezes punha o automóvel na beira da estrada e ia pelas encostas para sentir o movimento dos passarinhos, acompanhar a procissão das formigas, a pressa dos lagartos entre gravetos e folhas secas, ou o riacho aos pulos sobre o próprio leito. Então encostava no tronco de alguma árvore – ora sentada, ora em pé –, tentando formas de comunhão que pudessem integrá-la àquele reino vegetal onde insetos e pequenos animais ainda mantinham seu espaço. Na esperança de que o choro alto, convulso, nem os espantasse nem a impedisse de intuir uma nova forma de existência. Mineral, quem sabe?

Se viesse com as meninas o teor do passeio mudava. Não podia mergulhar na própria tristeza mas tinha a compensação da calidez, mesmo se a crivassem, ansiosas, de perguntas sobre a crise do casamento, o pai e a namorada do pai. Respondia. Nunca fora de escamotear coisa nenhuma

delas. Além do mais, as filhas eram suficientemente crescidas para o necessário esforço de compreensão de um episódio que tocava a vida delas quase tanto quanto a da mãe:

– Vocês vão se separar?

– Não sei...

– Continua gostando dele?

– Continuo...

– Então por que ele fez isso?

– ...

– A moça é bonita?

– É...

– Conheceu onde?

129

– No trabalho...

– Bem que você não queria esse trabalho...

– O problema não foi o trabalho...

– Foi qual, então?

– Ele não andava bem, cheio de dúvidas... Nem sempre a gente sabe para que lado ir...

– Mas e nós? Ele pensou nas filhas no meio dessas tantas dúvidas?

– Imagino que tenha pensado. Muito...

– Então por que fez isso?

– Deve ter tido as razões dele...

– Você não fica com raiva?

– Fico... Mas sou um pouco responsável, também...

– Por quê?

– Estava meio sem paciência com o trabalho novo, reclamando...

– E agora? Não vai fazer nada?

– Estou fazendo...

– O quê?

– Dando tempo para ele entender a confusão em que se meteu...

– Se ele casar com essa moça eu nunca mais falo com ele!

– Nem eu!

– Isso não resolve nada... Casado ou não com a moça continua pai de vocês.

130 – Acho bom não casar porque, aí, eu não olho mais na cara dele para o resto da vida!

– Nem eu!